

Artigo de Revisão

AUTISMO, ESTRATÉGIAS ABA E EDUCAÇÃO: UMA REVISÃO DE ESCOPO

RESUMO

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) contribui para promover a inclusão escolar de crianças com autismo, sendo a formação contínua dos professores essencial para uma educação verdadeiramente inclusiva e social desses alunos que deve considerar práticas pedagógicas que contribuam para um ambiente escolar adaptado e integrador, visando ao desenvolvimento acadêmico. Mapear o conhecimento e a preparação de professores em estratégias de Análise do Comportamento Aplicada (ABA) para a alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Utilizou-se uma Revisão de Escopo, com protocolos rigorosos e enfoque na reprodutibilidade, para avaliar a eficácia de práticas de ABA em contextos específicos. Foram consultadas as bases de dados PUBMED e BVS, e aplicadas diretrizes aprimoradas como o PRISMA para revisões sistemáticas. Foram incluídos sete artigos que exploram temas como desenvolvimento profissional, aplicação de práticas baseadas em evidências (PBE), barreiras à inclusão e a autoeficácia dos professores no ensino inclusivo de alunos com TEA. Discussão: As práticas de ABA e PBE são destacadas como fundamentais para a inclusão de alunos com TEA. A formação continuada é considerada essencial para criar um ambiente escolar inclusivo e adaptado às necessidades desses estudantes. ABA e PBE mostram-se eficazes no ensino de crianças com TEA, evidenciando a necessidade de capacitação contínua e de suporte especializado aos educadores para enfrentar os desafios da inclusão escolar.

Palavras-chave: professores; análise do comportamento aplicada; transtorno do espectro autista; ensino.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é uma condição de neurodesenvolvimento que impacta primariamente as habilidades de comunicação e interação social, com diagnóstico baseado em critérios clínicos específicos, conforme descrito pelo DSM-5 TR (2022). As necessidades de suporte dos indivíduos com TEA podem variar significativamente, sendo classificadas em três níveis, que vão de um suporte mínimo a um suporte intenso, dependendo do grau de comprometimento nas habilidades sociais e de comunicação (Hens, 2018). Além disso, estudos sobre a compreensão epigenética do TEA indicam que tanto fatores genéticos quanto ambientais desempenham papéis importantes em seu desenvolvimento, destacando, assim, a relevância

Rodrigo da Silva Nery Rodrigues
Mestrando em Psicologia da Saúde em
andamento pela Faculdade
<https://orcid.org/0000-0002-6484-4814>
psirodugionery@gmail.com

Raiane Lúcia Cruz de Oliveira Torres
Estudante de Psicologia da Faculdade
Pernambucana de Saúde
<https://orcid.org/0009-0000-2821-5335>
oliveira.railu@gmail.com

Prof. Dr. Leopoldo Nelson Fernandes
Barbosa
Doutor em Neuropsiquiatria e Ciências
do Comportamento pela Universidade
Federal de Pernambuco
<https://orcid.org/0000-0002-0856-8915>
leopoldo@fps.edu.br

Autor correspondente:
Leopoldo Nelson Fernandes
E-mail: leopoldopsi@gmail.com

Submetido em: 13/11/2024
Aprovado em: 14/11/2024

Como citar este artigo:
RODRIGUES, R. S. N.; TORRES, R. L. C. de
O.; BARBOSA, L. N. F. Autismo, estratégias
ABA e educação: uma revisão de escopo.
Revista Interagir, v. 19, n. 126, 2ª ed.
suplementar, p. 34-41, abr./maio/jun. 2024.

de ambientes inclusivos para o bem-estar e o progresso desses indivíduos (Bele, 2015).

A Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA, instituída pela Lei nº 12.764/2012, reforça direitos essenciais, como a educação inclusiva, e garante assistência para promover a inclusão e a qualidade de vida das pessoas com autismo. Esse avanço na legislação resultou em um crescimento expressivo no ingresso de alunos com TEA no ensino regular, tornando a capacitação de educadores uma prioridade para assegurar práticas pedagógicas adaptadas e inclusivas no ambiente escolar (Brasil, 1996; Matos; Mendes, 2015; Dutra, 2008). A formação continuada dos professores é indispensável para que possam implementar práticas educacionais que atendam ao desenvolvimento de crianças com TEA no contexto escolar (Camargo et al., 2020; Nascimento; Moraes, 2015).

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) tem se mostrado uma ciência eficaz para o desenvolvimento de habilidades funcionais e a redução de comportamentos desafiadores em indivíduos com TEA. Suas técnicas, como o reforço positivo e o uso de recursos visuais, auxiliam na aprendizagem e na inclusão em ambientes educacionais, com evidências robustas sobre sua eficácia (Silva et al., 2020; Ponce; Abrão, 2019). Em Pernambuco, o aumento nas matrículas de estudantes com deficiência destaca

a importância da adoção de práticas pedagógicas inclusivas, reiterando a necessidade de ações constantes para atender às demandas desses alunos e promover seu pleno desenvolvimento acadêmico e social.

O presente estudo objetiva mapear a literatura e analisar o conhecimento e a capacitação de professores em estratégias de ABA, investigando sua aplicabilidade no processo de alfabetização de crianças com TEA em contextos educacionais. Com a crescente importância de práticas educacionais especializadas, o estudo propõe ampliar o escopo para identificar práticas que integram a educação especial com a saúde, ressaltando a relevância de uma abordagem integrada que favoreça o desenvolvimento acadêmico e o bem-estar dos alunos com TEA. Ao descrever as práticas vigentes e os desafios enfrentados pelos educadores, a pesquisa busca contribuir para o aprimoramento de estratégias que maximizem o aprendizado e promovam uma educação mais inclusiva e eficaz.

2 MÉTODO

Foi realizada uma Revisão de Escopo, uma modalidade de pesquisa que adota protocolos rigorosos para organizar e estruturar um extenso conjunto de documentos. A escolha dessa abordagem justifica-se pelo objetivo de mapear o corpo de conhecimento sobre um tema

específico, permitindo incluir diferentes tipos de estudos e metodologias (Munn et al., 2018; Peters et al., 2015; Tricco et al., 2018). A questão de pesquisa foi estruturada segundo a estratégia PCC (População, Conceito e Contexto), que orienta a formulação da pesquisa e permite avaliar a eficácia das intervenções em contextos variados (Peters et al., 2015).

Esse método preza pela reprodutibilidade, detalhando as bases de dados consultadas, as estratégias de busca específicas aplicadas em cada base, o processo de seleção dos artigos, além dos critérios de inclusão e exclusão e a análise dos estudos selecionados. A revisão também segue as diretrizes PRISMA (Principais Itens para Relatar Revisões Sistemáticas e Meta-análises), que incluem um checklist de 27 itens e um fluxograma com o intuito de elevar a qualidade das revisões sistemáticas.

A busca foi realizada nas bases de dados PUBMED e BVS, utilizando os descritores de saúde (DeCS): 1. Autism Spectrum Disorder AND Applied Behavior Analysis AND Literacy e 2. Special Education AND Autism Spectrum Disorder AND Professional Training. Os artigos selecionados deveriam atender aos seguintes critérios:

3 RESULTADOS

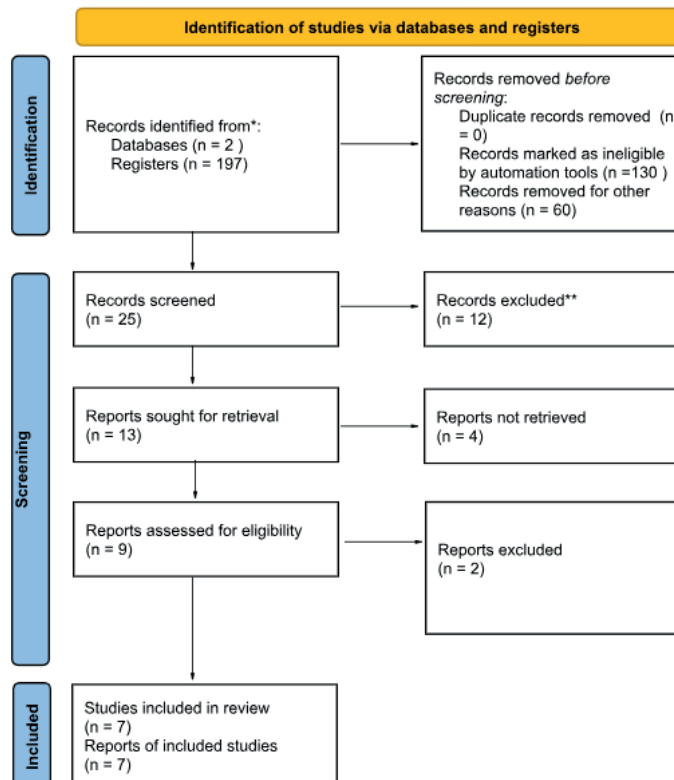
Quadro 1 . Estratégia PCC para pergunta de pesquisa e critérios de elegibilidade

	Critérios de inclusão	Critérios de exclusão
População	Professores de educação básica	Profissionais de outras áreas, como saúde ou psicologia; professores de ensino superior
Conceito/fenômeno de interesse	Conhecimento e preparação em estratégias de ABA para alfabetização de crianças com TEA	Fenômenos fora do objetivo do estudo, como métodos de ensino não relacionados à ABA
Contexto	Estudos empíricos e observacionais realizados em ambientes educacionais	Estudos de coorte, estudos de caso-controle, ensaios clínicos randomizados, estudos quase-experimentais, revisões sistemáticas, metanálises, revisões narrativas e estudos ecológicos.

Foram inicialmente identificados 197 estudos nas buscas realizadas em bases de dados eletrônicas. Após o processo de seleção e análise dos dados, a amostra final foi composta por 7 estudos (Figura 1), cujos resultados serão apresentados a seguir.

O Quadro 2 a seguir, apresenta o panorama descritivo dos estudos seguindo a descrição dos autores, objetivos, instrumentos e principais resultados.

► Figura 1. Processo de seleção e análise dos estudos segundo recomendação PRISMA



Os estudos analisados foram realizados em diferentes regiões, incluindo Arábia Saudita, Estados Uni-

Quadro 2. Panorama descritivo dos dados encontrados.

Autores (Ano);	Objetivo	Instrumentos	Principais Resultados
Bloom, LP. (2020)	Descrever o design, a implementação e a análise de um programa de desenvolvimento profissional usando um modelo de Estudo de Lição para aumentar a conscientização em profissionais de pré-escola sobre educação inclusiva para crianças com transtorno do espectro autista.	Método misto incluiu questionários pré e pós-intervenção, gravações de áudio de seminários em grupo e uma entrevista.	Os resultados indicaram um aumento na conscientização sobre autismo entre os profissionais, sugerindo que os profissionais mudaram sua prática como resultado do programa. Isso ficou particularmente claro em relação a fazer ajustes no ambiente de aprendizagem e tomar medidas para prevenir situações desafiadoras.
Alhossein, A. (2021)	Investigar o conhecimento e o uso de prática baseada em evidência (EBPs) por professores para ensinar alunos com transtorno do espectro autista (TEA) na Arábia Saudita.	A primeira parte da pesquisa coletou informações demográficas: A segunda parte da pesquisa continha uma lista de EBPs para professores de alunos com TEA em ambientes educacionais e 26 itens com respostas de escolha forçada.	O uso de EBPs por professoras foi maior do que o de professores, e professores que participaram de mais de cinco programas de desenvolvimento profissional relataram maior uso de EBPs do que aqueles que participaram de menos programas. O conhecimento e o uso de EBPs estavam relacionados. Gênero e programas de desenvolvimento profissional foram preditores do uso de EBPs por professores para alunos com TEA
Bolourian et al. (2021)	Reunir insights sobre as percepções dos professores sobre o TEA e suas práticas que afetam a educação inclusiva e as relações aluno-professor nas séries iniciais da escola.	Como parte do avanço de um programa de desenvolvimento profissional focado no autismo, professores de educação geral no sul da Califórnia e Massachusetts (EUA) foram convidados a participar de um grupo focal de meio dia (4 horas) para entender as percepções dos educadores sobre tópicos centrais ao autismo.	As percepções mais salientes dos professores sobre autismo (por exemplo, dificuldades sociais, interesses focados/fixos) revelaram uma consciência dos sintomas principais. As práticas de inclusão salientes incluíram atribuir responsabilidades especiais em sala de aula e mostrar talentos dos alunos; estratégias salientes de construção de relacionamento incluíram abraçar os interesses especiais dos alunos e se envolver em tempo individual.

Jaffal (2022)	Investigar as barreiras que impedem os professores de implementar com sucesso um ambiente inclusivo na sala de aula de GE.	Esta é uma pesquisa qualitativa. No total, quatro professores do ensino fundamental em uma escola no nordeste dos Estados Unidos foram entrevistados e observados. Os dados foram analisados para identificar temas emergentes.	As descobertas mostraram que os professores de GE não têm treinamento em como trabalhar com alunos com TEA em suas salas de aula de GE, não têm oportunidades de colaboração com seus colegas de educação especial para melhor apoiar seus alunos com TEA e não recebem recursos suficientes de suas escolas e programas para criar um ambiente inclusivo apropriado em suas salas de aula de GE.
Adams et al (2019)	Comparar as respostas dos professores ao comportamento relacionado à ansiedade em alunos com e sem diagnóstico no espectro usando o Teacher Responses to Anxiety in Children (TRAC).	Professores predominantemente de escolas primárias tradicionais, responderam a uma pesquisa on-line composta por um questionário demográfico e duas versões do TRAC, uma para alunos sem autismo e outra para alunos com autismo.	Os professores relataram ser mais propensos a usar respostas promotoras de ansiedade para alunos com autismo que estão mostrando comportamentos indicativos de ansiedade geral e de separação, mas não quando estão mostrando comportamentos indicativos de ansiedade social.
Love et al (2019)	O objetivo desta investigação foi desenvolver um instrumento que pode ser usado para medir a autoeficácia dos professores para trabalhar efetivamente com alunos com TEA.	O Estudo 1 envolveu o desenvolvimento e a avaliação de um novo instrumento, a Escala de Autoeficácia do Professor para Alunos com Autismo (TSEAS). O Estudo 2 envolveu uma validação cruzada da medida com professores na Austrália.	Os resultados indicaram que a escala representava um construto unidimensional em ambos os estudos. A autoeficácia para ensinar alunos com TEA foi distinta, embora positivamente relacionada, à autoeficácia geral para ensinar, satisfação no trabalho e autorregulação. Usar uma medida de autoeficácia para ensinar específica para cada aluno pode fornecer informações mais úteis para dar suporte às crenças dos professores para ensinar alunos com TEA.
Welsh et al (2019)	O estudo teve como objetivo explorar as atribuições, a resposta emocional e os sentimentos de confiança de professores que trabalham em diferentes ambientes educacionais quando confrontados com RRBs.	Foi adotado um modelo de pesquisa de grupo único usando pontuações comportamentais para obter crenças e classificações dos professores.	A análise indicou que havia diferenças nas atribuições e classificações de confiança mantidas para diferentes tipos de RRBs. Diferenças significativas também foram observadas entre professores que trabalham em ambientes educacionais tradicionais e especializados. As pontuações de resposta emocional e confiança eram frequentemente preditivas uma da outra, juntamente com fatores relacionados à experiência de ensino.

dos e Austrália, refletindo a preocupação global com a formação e preparação de professores para atuar junto a alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Na Arábia Saudita, o estudo conduzido por Alhossein (2021) investigou o conhecimento e o uso de práticas baseadas em evidências (EBPs) entre professores de alunos com TEA, revelando que fatores como gênero e nível de formação profissional influenciam o uso dessas práticas. Nos Estados Unidos, Bolourian et al. (2021) analisaram as percepções dos educadores sobre o autismo, identificando práticas inclusivas aplicadas nas séries iniciais, como a valorização dos talentos dos alunos e a atribuição de responsabilidades específicas para os estudantes com TEA.

A metodologia dos estudos também variou, abrangendo métodos mistos, abordagens qualitativas e quase-experimentais para examinar distintos aspectos da prática docente e do ambiente inclusivo. Por exemplo, o estudo qualitativo de Al Jaffal (2022), também nos Estados Unidos, explorou as barreiras enfrentadas pelos professores de educação regular, destacando a falta de treinamento e de recursos como desafios significativos à criação de ambientes inclusivos. Em outro exemplo, Bloom (2020) utilizou um modelo de Estudo de Lição, combinando questionários, entrevistas e gravações de áudio, para avaliar o impacto de um programa de desenvolvimento

profissional voltado para a conscientização sobre as necessidades dos alunos com TEA.

Os objetivos dos estudos também foram diversos, abordando distintas estratégias para melhorar a inclusão de alunos com TEA. Adams et al., por exemplo, investigaram as respostas dos professores a comportamentos ansiosos dos alunos, enquanto Love et al. (2019) desenvolveram uma escala de autoeficácia para medir a confiança dos professores ao trabalhar com estudantes com TEA. Já o estudo de Welsh et al. (2019) focou nas respostas emocionais e nos níveis de confiança dos professores ao lidar com comportamentos repetitivos e restritivos em contextos educacionais variados, destacando as diferenças entre educadores em ambientes tradicionais e especializados.

Esses estudos reforçam a importância da formação continuada e de estratégias de suporte institucional como elementos cruciais para o sucesso da inclusão escolar de alunos com TEA, enfatizando a necessidade de uma abordagem pedagógica adaptada e de recursos adequados para atender às demandas específicas desses estudantes.

4 DISCUSSÃO

A eficácia das práticas da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) no contexto educacional é evidenciada principalmente na inclusão e desenvolvimento de habilidades em crian-

ças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Bloom (2020), ao utilizar o modelo de Estudo de Lição, observou que professores da pré-escola, após receberem treinamento, ajustaram suas práticas para atender melhor às necessidades dos alunos. Eles implementaram estratégias como a modificação do ambiente e medidas preventivas para gerenciar comportamentos desafiadores. Esses achados sugerem que o aumento da conscientização dos professores sobre o autismo promove uma prática pedagógica mais proativa e centrada no aluno (Bloom, 2020).

A participação em programas de desenvolvimento profissional também impacta significativamente a adoção de práticas baseadas em evidências (EBPs) entre professores. Alhossein (2021), em estudo realizado na Arábia Saudita, demonstrou que o uso de EBPs foi mais frequente entre profissionais que participaram de mais de cinco programas de capacitação. Esse resultado ressalta a importância da formação continuada e do acesso a treinamentos específicos para uma prática inclusiva e alinhada às necessidades dos alunos com TEA (Alhossein, 2021). De maneira complementar, Bolourian e colaboradores (2021) analisaram as percepções dos educadores sobre o autismo e observaram que esses profissionais desenvolveram estratégias para promover a inclusão, como a definição de responsabilidades diferenciadas

e a valorização dos talentos dos alunos com TEA, o que resultou em interações mais positivas entre professores e estudantes.

A revisão também destaca barreiras enfrentadas por professores do ensino regular na inclusão de alunos com TEA. Al Jaffal (2022) conduziu uma pesquisa qualitativa que revelou que muitos docentes carecem de treinamento específico e não dispõem de recursos adequados para criar um ambiente inclusivo. A ausência de oportunidades de colaboração entre professores de educação regular e educação especial limita ainda mais a eficácia da inclusão, apontando para a necessidade de políticas institucionais que ofereçam suporte e capacitação contínua aos educadores (Ponce; Abrão, 2019).

Outro aspecto relevante é a forma como os professores respondem a comportamentos ansiosos em alunos com TEA, especialmente em situações de ansiedade generalizada e de separação. Adams et al. (2019) identificaram que, em algumas situações, as respostas dos professores podem inadvertidamente intensificar a ansiedade dos alunos. Esse achado sublinha a necessidade de formação específica para que educadores compreendam e respondam de maneira adequada às manifestações de ansiedade, promovendo um ambiente escolar mais acolhedor para esses estudantes (Adams et al., 2019).

A autoeficácia dos professores é um fator determinante

para o sucesso da inclusão escolar de alunos com TEA. Love et al. (2019) desenvolveram a Escala de Autoeficácia para Professores de Alunos com Autismo (TSEAS), que se mostrou eficaz na avaliação da confiança dos docentes em lidar com estudantes com TEA. O estudo indicou que a autoeficácia está positivamente relacionada à satisfação no trabalho e à autorregulação dos professores, sugerindo que o fortalecimento da autoeficácia pode contribuir para um ensino mais eficaz e para um relacionamento mais positivo entre professores e alunos (Love et al., 2019).

Diferenças nas respostas emocionais e nos níveis de confiança dos professores ao lidar com comportamentos repetitivos e restritivos (RRBs) também indicam que o contexto de trabalho influencia a prática pedagógica. Welsh et al. (2019) observaram que professores em ambientes especializados demonstram maior confiança ao lidar com RRBs em alunos com TEA, enquanto educadores em ambientes tradicionais frequentemente enfrentam dificuldades. Esse achado reforça a importância de treinamentos específicos que capacitem os professores para responder eficazmente às necessidades comportamentais dos alunos em diferentes contextos educacionais (Welsh; Rodrigues; Honey, 2019).

5 CONCLUSÃO

As práticas de ABA e PBE desempenham um papel crucial

na educação de crianças com TEA. A implementação dessas abordagens mostra-se eficaz no desenvolvimento de competências sociais, emocionais e acadêmicas. Esse impacto positivo ressalta a importância de programas contínuos de capacitação e suporte especializado para educadores, especialmente em contextos inclusivos. Embora avanços significativos tenham sido observados, persistem desafios, como o treinamento específico insuficiente e o acesso limitado a recursos adequados.

Para futuras investigações, é relevante expandir o escopo dos estudos sobre estratégias de ensino e práticas inclusivas para outras faixas etárias, incluindo adolescentes e adultos com TEA. Com isso, seria possível avaliar o impacto dessas abordagens educacionais ao longo da vida, desde o ensino básico até a universidade, promovendo uma continuidade no suporte ao desenvolvimento dessas habilidades em diferentes contextos acadêmicos.

Ademais, explorar melhores estratégias de ensino e aprendizagem para essa população no ambiente universitário pode trazer insights valiosos sobre a adaptação e o sucesso de alunos com TEA em níveis mais avançados de formação. Estudos voltados para o ensino superior poderiam investigar práticas de inclusão, estratégias de aprendizagem ativa, uso de tecnologia assistiva e formas de apoio emocional e acadêmico, contribuindo

para uma experiência universitária mais acessível e significativa para estudantes com TEA. Tais pesquisas também poderiam beneficiar estudantes neurotípicos, ao estimular uma formação mais inclusiva e colaborativa.

Essas investigações seriam fundamentais para o desenvolvimento de políticas públicas e práticas educativas mais abrangentes e eficazes, fortalecendo a inclusão em todos os níveis educacionais e promovendo uma educação de qualidade e equidade para todos.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, D.; MACDONALD, L.; KEEN, D. Teacher responses to anxiety-related behaviours in students on the autism spectrum. **Research in Developmental Disabilities**, v. 86, p. 11–19, mar. 2019.
- AL JAFFAL, M. Barriers general education teachers face regarding the inclusion of students with autism. **Frontiers in Psychology**, v. 13, n. 1, 22 ago. 2022.
- ALHOSSEIN, A. Teachers' Knowledge and Use of Evidenced-Based Practices for Students With Autism Spectrum Disorder in Saudi Arabia. **Frontiers in Psychology**, v. 12, 16 set. 2021.
- ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais Texto Revisado (DSM-5 TR)**. Washington, DC: Associação Psiquiátrica Americana, 2022.
- BALE, TL. Reprogramação epigenética e transgeracional do desenvolvimento cerebral. **Nature Reviews Neuroscience**, v. 16, n. 6, p. 332–344, 2015.
- BARCELOS, K. da S.; MARTINS, M. de F. A.; BETONE, G. A. B.; FERRUZZI, E. H. Contribuições da análise do comportamento aplicada para indivíduos com transtorno do espectro do autismo: uma revisão / Contributions to the applied behavior analysis for individuals with autism spectrum disorder: a review. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 6, n. 6, p. 37276–37291, 2020.
- BLOOM, LP. Professional Development for Enhancing Autism Spectrum Disorder Awareness in Preschool Professionals. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 51, 12 jun. 2020.
- BOLOURIAN, Y; Losh, A; Hamsho, N; Eisenhower, A.; Blacher, J. General Education Teachers' Perceptions of Autism, Inclusive Practices, and Relationship Building Strategies. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 52, n. 9, 21 set. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 1996.
- CAMARGO, SPH; e outros. Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores. **Edu Rev.**, v. 36, 2020.
- DUTRA, T. Atendimento educacional especializado: desafios e possibilidades. **Rev Educ Espec.**, v. 2, pág. 113–127, 2008.
- HENS, K. A epigenética dos transtornos do desenvolvimento: o autismo como um quebra-cabeça epigenético. **Biology & Philosophy**, v. 33, n. 3, p. 1–17, 2018.
- LIMA, VN; MORAES, AD A formação de professores e a prática de adaptação de materiais no contexto da inclusão escolar. **Psicol Esc Educ.**, v. 2, pág. 215–223, 2021.
- Love AMA, Toland MD, Usher EL, Campbell JM, Spriggs AD. Can I teach students with Autism Spectrum Disorder?: Investigating teacher self-efficacy with an emerging population of students. **Res Dev Disabil**. 2019 Jun;89:41–50. doi: 10.1016/j.ridd.2019.02.005. Epub 2019 Mar 23. PMID: 30913505.
- MATOS, SN; MENDES, EG Demandas de professores e inclusão escolar. **Rev Bras Educ Especial**, v. 9–22, 2015.
- MUNN, Z.; PETERS, MDJ; STERN, C.; TUFANARU, C.; MCARTHUR, A.; AROMATARIS, E. Revisão sistemática ou revisão de escopo? Orientação para autores ao escolher entre uma abordagem de revisão sistemática ou de escopo. **BMC Medical Research Methodology**, v. 18, n. 1, p. 143, 2018.
- PETERS, MDJ; GODFREY, CM; KHALIL, H.; MCINERNEY, P.; PARKER, D.; SOARES, CB Orientações para a condução de revisões sistemáticas de escopo. **International Journal of Evidence-Based Healthcare**, v. 13, n. 3, p. 141–146, 2015.
- PONCE, Joice Otávio; ABRÃO, Jorge Luis Ferreira. Autismo e inclusão no ensino regular: o olhar dos professores sobre esse processo. **Estilos da Clínica**, São Paulo, Brasil, v. 24, n. 2, p. 342–357, 2019.
- TRICCO, AC; LILLIE, E.; ZARIN, W; O'BRIEN, KK; COLQUHOUN, H.; LEVAC, D.; MOHER, D.; PETERS, MDJ; HORSLEY, T.; WEEKS, L.; HEMPEL, S.; AKL, EA; CHANG, C.; MCGOWAN, J.; STEWART, L.; HARTLING, L.; ALDCROFT, A.; WILSON, MG; GARRITTY, C.; ... STRAUS, SE Extensão PRISMA para revisões de escopo (PRISMA-ScR): lista de verificação e explicação. **Annals of Internal Medicine**, v. 169, n. 7, p. 467, 2018.
- WELSH, P.; RODGERS, J.; HONEY, E. Teachers' perceptions of Restricted and Repetitive Behaviours (RRBs) in children with ASD: Attributions, confidence and emotional response. **Research in Developmental Disabilities**, v. 89, p. 29–40, jun. 2019.